

Léxico em Diacronia Dados da História do Português e do Inglês

MARIA FRANCISCA XAVIER
(Universidade Nova de Lisboa)

Comparar o léxico do Português e do Inglês numa perspectiva diacrónica constitui um tema extremamente amplo e de certo modo difícil pelo que o seu tratamento só é possível com um enquadramento teórico bem definido.

Em Gramática Generativa o léxico é entendido como o conjunto dos elementos funcionais (ou gramaticais, por exemplo, conjunções, preposições, pronomes e verbos auxiliares) e dos elementos temáticos (ou semânticos, por exemplo, nomes e verbos) de uma língua. E os elementos do léxico contêm propriedades fonéticas, sintácticas e semânticas, que variam e mudam no tempo e no espaço. Considera-se que é principalmente no léxico que reside a explicação para o que varia de língua para língua e nas suas histórias.

O estudo comparado do léxico do Português e do Inglês, tanto em diacronia como em sincronia, revela-se um projecto estimulante, que exige um grande esforço de abstracção para conseguir separar o que faz parte do sistema gramatical de cada língua, ou estado de língua, daquilo que pertence a outros domínios, com a agravante de as duas línguas em análise serem apenas longinquamente aparentadas e terem histórias muito diversas.

Assim, o tratamento deste tema, nesta comunicação, restringe-se, por um lado, ao exame de alguns verbos que em inglês sofreram uma nítida reanálise categorial e, por outro lado, à observação de que a alternância de funções gramaticais e a realização de núcleos preposicionais pode variar tanto ao longo da história daquelas duas línguas, e das línguas em geral, como no interior de cada língua particular.

E, porque a comparação de factos históricos implica associá-los à sua cronologia, apresento, muito resumidamente, a seguir, a periodização das Histórias das duas línguas, que considero relevante para a compreensão dos dados do Português e do Inglês que aqui vou referir.

<i>Períodos da História da Língua Portuguesa</i>		/	<i>Períodos da História da Língua Inglesa</i>	
Port.Pré-Histórico/Pré-Literário	s.VI a 1214		Ingl.Antigo	449 a 1066*
Port.Antigo (Galego-Português)	1214 a 1410		Ingl.Médio	1066 a 1520**
Port.Médio	1410 a 1536		Ingl.Moderno	1520...(1520-1650 e 1650...)
Port.Moderno	1536...			

Esta periodização da História da Língua Portuguesa é uma versão simplificada e adaptada das propostas de Cintra, Cuesta, Neto e Leite de Vasconcelos, apresentadas pelo Prof. Cintra na disciplina correspondente, em 1977-78. E a periodização da História da Língua Inglesa corresponde à versão corrente de Jespersen, Baugh, Traugott, entre outros.

Como se sabe, as divisões históricas são normalmente determinadas por marcos de natureza extralinguística. Assim acontece relativamente aos períodos da História da Língua Portuguesa, por exemplo, ao adoptar-se como marco para o início do Português Antigo a data de 1214, que corresponde à datação do *Testamento de Afonso II* e à data provável da *Notícia de Torto*. Também o ano de 1536 é a data da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira, e aparece a marcar o final do Português Médio e o início do Português Moderno.

De modo semelhante foram estabelecidos os períodos da História da Língua Inglesa. Por exemplo, o início do Inglês Antigo está associado ao ano de 449, ano que corresponde à data avançada para o começo das invasões Germânicas, e 1066 é a data da Conquista Normanda.

É claro que os acontecimentos históricos podem ser importantes, em particular, aqueles que dão origem ao contacto estreito e prolongado entre línguas. Num texto de 1978 falo da relevância d"O Contacto entre Línguas na História da Língua Portuguesa" e muito há ainda por dizer sobre este assunto a propósito da nossa história.

Por curiosidade, refiro que o contacto do Inglês Antigo com as línguas escandinavas, que eram semelhantes entre si e ao Inglês, mas tinham flexões e formas pronominais diferentes, provocou, nesta língua, a substituição das formas do pronome pessoal sujeito, da terceira pessoa do plural - hie, hiera e him - pelas formas they, their e them. E também o verbo be, com as suas formas irregulares, revela através destas, nos finais daquele período, a sua formação a partir de três verbos - béon, is e wesan.

Ao compararmos as mudanças linguísticas verificadas ao longo das histórias das duas línguas, apercebemo-nos com facilidade que o Inglês se alterou profundamente entre o Inglês Médio e o Inglês Moderno, enquanto o Português manifesta alterações menores. Efectivamente, os períodos da História do Inglês englobam diferenças lexicais, fonológicas e, por consequência, morfossintácticas importantes entre estados de língua, que nos permitem falar de gramáticas diferentes para cada um daqueles períodos.

É, ainda, incontroverso que o Inglês sofreu uma evolução notável e única no quadro das línguas germânicas, o que não aconteceu na História do Português Europeu, que é considerado a língua mais conservadora das línguas românicas.

Talvez a situação seja diferente relativamente às variantes do Brasil, de Angola ou de Moçambique, que apresentam características lexicais, morfossintáticas e fonológicas próprias, revelando gramáticas diferentes da gramática do Português Europeu.

Embora sejam normalmente as palavras das principais classes - os nomes, verbos e adjetivos -, aquelas que mais variam, mudam e transitam de língua para língua, é interessante notar que é no conjunto dos elementos funcionais que encontramos a explicação para as mudanças linguísticas relevantes que determinam diferentes gramáticas, correspondendo a diferentes estados de língua. Diria mesmo que qualquer mudança, substituição ou alternância em núcleos funcionais indica uma alteração gramatical em curso.

À semelhança do que aconteceu na passagem do Latim para as línguas românicas, o Inglês Antigo, uma língua com caso morfológico e com morfologia verbal rica, equivalente ao Latim e às restantes línguas germânicas actuais, muda para uma língua com morfologia flexional fraca. O Inglês vai, contudo, mais longe do que as línguas românicas no processo de perda das flexões verbais, desenvolvendo, simultaneamente, um importante sistema de auxiliar verbal e uma ordem de constituintes fixa.

Sabe-se que diferentes tipos de núcleos funcionais verbais legitimam sujeitos foneticamente nulos. Segundo Jaeggli; Safir (1989) é uma determinada uniformidade morfológica existente na gramática de algumas línguas o que determina a fixação positiva do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Ao comparar o Português e o Inglês actuais verifica-se que a primeira língua admite construções sem sujeito que não são possíveis na segunda (por exemplo: Chove/*(It) rains). Em Inglês Antigo, no entanto, era possível omitir o sujeito em construções em que também se omite o sujeito em Português, por exemplo:

1. a) Ponne _ puhte(sing) eow pas tida(pl) beteran (*Traugott*, p.102)
- b) Then it seemed to you (that) those times (were) better
- c) Então _ pareceu-te (que) aqueles tempos (eram) melhores

Nestes exemplos verifica-se que o sujeito expletivo (it, em Inglês) não é foneticamente realizado nem em Inglês Antigo (1a) nem em Português (1c).

Sabemos que o infinitivo pessoal é uma característica do Português. Trata-se de uma construção rara e inexistente tanto nas outras línguas românicas como no Inglês Moderno. No entanto, o Inglês Antigo tinha um infinitivo flexionado com caso dativo, regido pela preposição to.

Existem, realmente, várias semelhanças entre o Português e o Inglês Antigo. Os exemplos seguintes mostram algumas delas (exemplos (a) são em Inglês Antigo; (b) em Inglês Moderno e (c) em Português):

2. a) Da sægde he heom sum bigspell (Luke VI, 39-42: *Bright's*, p.51)
- b) Then he told them one parable
- c) Então (ele) contou-lhes (ele) uma parábola

3. a) Gehyrst þu? (*Mossé*, p.155)
b) Do you understand?
c) Compreendes?
4. a) Neom ic din brodor? (*Bright's*, p.27)
b) Am I not your brother?
c) Não sou (eu) teu irmão?
5. a) Canst þu ænig þing? (*Bright's*, p.93)
b) Do you know anything/something?
c) Sabes (tu) alguma coisa?
6. a) Hwæt sægde he? (*Bright's*, p.24)
b) What did he say?
c) O que disse ele?

Na frase (1a) o verbo está na segunda posição, encontrando-se o sujeito à sua direita, o que é também possível na frase portuguesa equivalente (1c), ao contrário do que acontece no exemplo inglês (1b), em que o verbo se mantém obrigatoriamente à direita do sujeito.

O Inglês Antigo é considerado uma língua V2, o que significa que o verbo ocupava a segunda posição da frase, devido a razões morfossintáticas que o obrigavam a deslocar-se para aquela posição, a fim de verificar os seus traços fortes (Chomsky 1995), tal como acontece noutras línguas germânicas, nas línguas escandinavas e provavelmente no Português Antigo.

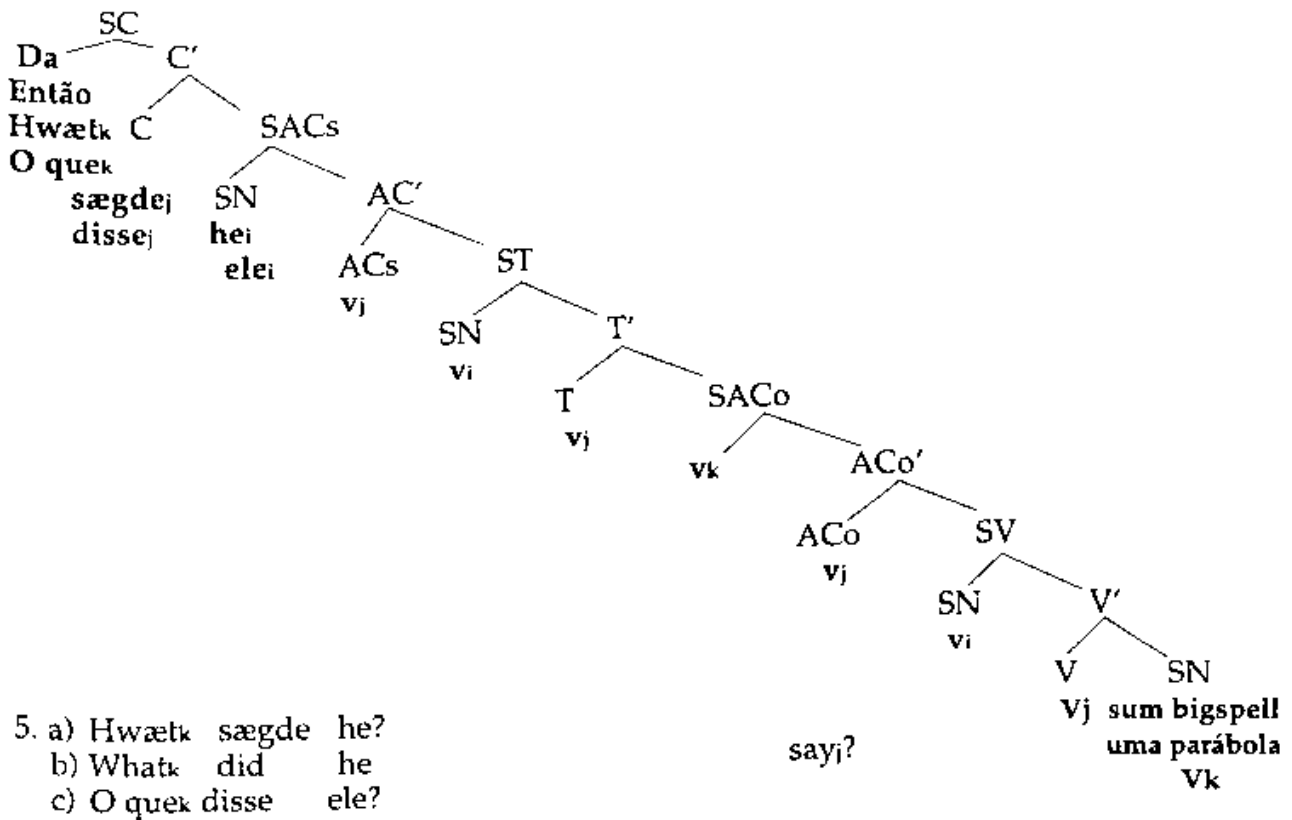
Vários linguistas consideram que o Português Antigo era uma língua V2 e, embora não pretenda entrar nessa polémica, neste momento, julgo que as ordens de constituintes encontradas em textos do séc.XIII, por exemplo, nos levam a concluir que estamos em presença de fenómenos dessa natureza. Essa poderá ser a explicação para a existência das ordens de constituintes estranhas que encontramos no Português Antigo.

Roberts (1993) propõe distinguir as línguas V2 e não V2 através dos seguintes traços:

V2: [+C,+Flex]-V2: [+C,-Flex]

Nas línguas V2, a sequência básica dos núcleos funcionais associados ao verbo resultaria numa outra em que o complexo verbal, constituído pelo Verbo-Tempo-Acordo com o sujeito [V-T-ACs], estaria no núcleo funcional mais alto da estrutura a seguir representada:

7.(i) [C - ACs - T - ACo - V] => [C/V-T-ACs - ACo]



As frases (3) a (6) exemplificam construções interrogativas, que também mostram que o verbo saiu da sua posição inicial, onde se encontra o vestígio v_i , ficando o sujeito à sua direita.

Nas frases exemplificadas em (5), verifica-se que, em Inglês Antigo e Português Moderno, o verbo sobe para C, passando pelos núcleos funcionais ACs-T-ACo, onde deixa o seu vestígio v_j . Em Inglês Moderno é o verbo auxiliar associado a ACs-T [Vaux-T-ACs] que sobe para C, ficando o verbo principal no núcleo funcional ACo.

No Inglês Médio e no início do Inglês Moderno, um verbo principal podia ainda aparecer em C, em vários contextos: orações declarativas V2, interrogativas e condicionais.

A perda das flexões verbais e o desenvolvimento do sistema de auxiliar perifrástico, no Inglês, explica as diferenças encontradas na sintaxe visível dos dois estados históricos desta língua, bem como as principais diferenças existentes na sintaxe dos períodos modernos do Português e do Inglês.

A reanálise categorial que transforma verbos principais em auxiliares e a consequente reestruturação diacrónica, de que se encontra evidência nos textos escritos ao longo do Inglês Médio, generalizou-se durante o séc. XVI (Lightfoot 1979).

Para além dos verbos, outros elementos foram reanalisados no Inglês. Por exemplo, for to é uma sequência actualmente considerada mal formada. No

entanto, no Inglês Médio for to ocorria, como mostra o exemplo (8a), embora cada elemento também pudesse ocorrer isolado, como se vê em (8b):

- 8.a) That wol not aunte forto winne (c.1390, Gower, C.A.4,339: *Visser* §1194/*Roberts*, p.260)
 (That will not venture to win)
 b) It is necessary to/for a man (for) to go (séc.XIV/XV: *Lightfoot*, p.196/*Roberts*, p.260)

A partir do séc.XVI for e to deixam de aparecer adjacentes. Veja-se o exemplo (9):

9. For us to go is necessary (séc.XVI...)

A explicação apresentada em Roberts (1993) vai no sentido de estabelecer a relação entre aquele facto histórico e o desaparecimento simultâneo da flexão verbal de infinitivo -e(n).

Em Inglês Antigo, tanto for como to funcionavam como C ou P, assim, quando apareciam juntos verificar-se-ia uma das duas hipóteses seguintes:

10. (i) [P for] [C to]
 (ii) [C forto]

O que significa que to e forto eram complementadores enquanto existiu um sufixo de infinitivo:

11. [C to] [-T -e(n)].

No séc.XVI o desaparecimento do sufixo de infinitivo deixa livre o núcleo funcional T permitindo o aparecimento de to naquela posição. Então, to sofre a seguinte reanálise categorial:

12. [C to] =>[-T to].

É também no séc.XVI que os pre-modais ingleses completam a reanálise categorial que se vinha a processar desde os finais do Inglês Antigo. Um processo lento e complexo que Kroch explica como resultando da coexistência de várias gramáticas. Repare-se que se trata de um período historicamente muito agitado, em que a língua inglesa coexistiu com a língua francesa dos conquistadores.

Durante o séc. XVI os pre-modais apareciam ainda em orações infinitivas; com o sufixo -ing (maying); um seguido de outro (shall may) e precedidos de have+-en (had mought) (*Lightfoot* 1979: 110).

Depois da reanálise aqueles verbos apresentam as seguintes características (Xavier 1985):

13.
 (i) deixam de ocorrer com complemento directo *[V SN];
 (ii) não “adoptam” a flexão -s [3p, sg] (pertenciam à classe dos “presentes-pretéritos” que não apresentava a flexão -ep);
 (iii) perdem quase sempre a relação temporal de presente e pretérito, por exemplo: I can do that~I could do that;

- (iv) não desenvolvem o infinitivo com to;
- (v) deixam de ocorrer: em orações infinitivas; com o sufixo -ing; um seguido de outro e precedidos de have+en;
- (vi) not aparece a seguir aos verbos modais e aos outros auxiliares: do, have e be;
- (vii) a inversão Sujeito-Verbo passa a fazer-se com o verbo auxiliar, isto é, o verbo auxiliar sobe para C, o núcleo funcional mais alto da estrutura, ficando o sujeito à sua direita (ver estrutura (7));
- (viii) desenvolvem-se as construções verbais 'quasi-modais': be going to, have to, be able to.

A reanálise do verbo do, também verificada durante o séc.XVI, transforma o verbo do, que funcionava como não causativo e causativo (ex. de do causativo: Sche dede him etyn & drynkyn = She made him eat and drink), num verdadeiro verbo auxiliar, mantendo, contudo, o seu funcionamento como verbo principal não causativo. Enquanto auxiliar, o verbo do é simplesmente portador da informação dos núcleos funcionais a ele associados.

Não encontramos nos dados da História da Língua Portuguesa um conjunto de elementos do léxico, diacronicamente, tão interessante como os da História da Língua Inglesa que acabei de referir. Penso, contudo, que um estudo, nesta perspectiva, que considere tanto dados do Latim/Romance como do Português do Brasil, de Angola ou de Moçambique, por exemplo, deverá revelar mudanças gramaticais, também, importantes.

Os dados que aqui podemos apresentar foram recolhidos no *Corpus Informático do Português Medieval - CIPM* (Xavier; Brocardo e Vicente 1994). Os textos do séc.XIII observados são textos notariais, onde não encontramos tudo o que seria importante considerar. Assim, é nosso objectivo, a curto prazo, ampliar o CIPM, o que vai ser possível com a ajuda de um subsídio do Praxis XXI.

Num total de 133 927 palavras do séc.XIII observámos o funcionamento dos verbos modais poder e dever e de quase todos os outros verbos principais. Encontra-se a trabalhar no projecto de elaboração de um *Dicionário de Verbos do Português Medieval* uma equipa constituída por docentes e estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*.

Os dados do CIPM mostram que o verbo poder funciona como actualmente, pois aparece associado a um verbo principal no infinitivo. Percorrendo os exemplos, por ordem cronológica, encontramos o seguinte:

14. [poder SV_{inf}]

- 1214 TL** E mândo ainda q(ue) se s'asunar todos nō poderen ou nō q(ui)serẽ...
1255 CA ...e se en alguũ logar aparecerẽ nẽ nos nẽ as q(ue) ueeren depos nos nō nos possamos delas ajudar.
1268 CHP ...(e) rogulj (e) pregulu q(ua)ntu heu maes posso q(ue) ma ffaza cõprir pelu meu

* O *Dicionário de Verbos do Português Medieval* é um projecto subsidiado pela JNICT.

1271 CA ...e a renêbrãça dos feytos que fazê nõ podê sempre durar nos coraçõs dos omees q(ue) depoy nacê

1280? FR se lho poder provar possao deytar da accusaçõ

1280? FR E nõ possa sa molh(er) d(e)mandar parte dellas

1280? FR ...Os viãdantes possã as bestas ou seus gaados meter a pacer enos logares q(ue)...

Do ponto vista estritamente gramatical, o único aspecto surpreendente destes exemplos é, realmente, a ordem de constituintes, uma vez que o verbo poder tem, como actualmente, um complemento oracional (simplicadamente: SV_{inf}).

Também o verbo dever tinha, no séc.XIII, um funcionamento semelhante ao que tem actualmente. No total das 133 917 palavras do CIPM encontramos 427 ocorrências do dever modal. E, tal como agora, este verbo pode vir ou não seguido de preposição, sendo as ocorrências repartidas da forma seguinte:

15.	<u>dever</u> + 0	= 217
	<u>dever</u> + a	= 204
	<u>dever</u> + por	= 3
	<u>dever</u> + de	= <u>3</u>
		427

Observe-se que o número de ocorrências de dever sem preposição é ligeiramente superior ao número de ocorrências do verbo seguido de preposição, sendo, no entanto, a diferença apenas de sete. Actualmente verifica-se que o número de ocorrências sem preposição é muito superior ao número de ocorrências com preposição, embora esta possa também ocorrer.

É interessante notar que a única preposição que actualmente ocorre com o verbo dever é a preposição de, que, segundo os nossos dados, tem uma frequência baixa no corpus do séc.XIII aqui considerado. Ainda mais interessante parece ser o facto de a preposição a manifestar uma frequência tão elevada e vir a desaparecer completamente deste contexto. No entanto, repare-se que qualquer daquelas preposições pode, actualmente, ocorrer com o verbo auxiliar ter (ter de/a/por), e este é, no Português Moderno, um verbo semelhante ao verbo dever.

Vejam-se, em (16), exemplos do séc.XIII retirados do CIPM e arrumados por ordem cronológica, em que dever ocorre com e sem preposição.

16. [dever (a/de/por) SV_{inf}]

1214? NT ... e q(u)a li o devê por sanar

1260 CHP Et devedes a dar cada anno in n(ost)ro (con)ventũ uno modio de sal nas Mañas

1269 HGP ... & nos devemos vos d'ãmparar com esta vina q(ue) a vos damos

1271 CA ...; uos fazedo o q(ue) uirdes & enterderdes que deuedes faz(er) sobre tal feyto

Verifica-se que os modais portugueses eram no séc. XIII, como são actualmente, verbos de controlo ou elevação, tal como foram os semi-modais ingleses.

E essa semelhança talvez se deva ao facto de haver, em Português, um sufixo de infinitivo (-er), que existia também em Inglês, até ao séc.XVI, e que desapareceu simultaneamente à reanálise categorial daqueles verbos.

Assim, enquanto o to inglês foi reanalisado como [-T], a preposição associada ao verbo dever (e também ao verbo ter) lexicalizam o núcleo funcional [C], ao longo da História do Português.

Na classe de verbos principais é interessante observar, por exemplo, os verbos psicológicos. Sabemos que estes verbos têm um comportamento variável tanto entre eles como de língua para língua ou em diferentes estados de língua. Os verbos psicológicos revelam alternância das funções gramaticais dos seus argumentos, bem como variação na realização da preposição associada ao caso inerente (Xavier 1989).

Observem-se os exemplos seguintes:

17. (i) [prazer]

a) Se a lezarẽ, itregarẽ ille d(e) oct(r)a que li plaza (1214? NT)

b) E rey sapede q(ue) my plaz de vos deliurardes & mandardes... (1260 CA)

(ii) temer; amar

E saiba como se deve temer e aguardar e amar a el rey e o seu senhoryo e todalas sas cousas. (1280? FR)

Também na História do Inglês encontramos alternância das funções gramaticais dos argumentos dos verbos psicológicos, por exemplo, em (18), onde comparamos o verbo agradar, gostar, like, please e licoden.

18. **Ingl. Antigo:** pam cyngre licodon peran
Dativo-Exp Nominativo-Tema

Port. Moderno: ao rei agradavam peras

Ingl. Moderno: pears pleased the king
Nominativo-Tema Acusativo-Exp

the king liked pears
Nominativo-Exp Acusativo-Tema

Port. Moderno: o rei gostava de peras

Nominativo-Exp Oblíquo-Tema

Finalmente, apenas faço notar que a alternância das funções gramaticais (ou dos casos), exemplificada em (18) é um fenómeno normal tanto na variação como na mudança linguística, pelo que, como conclusão, direi que comparar o léxico e a sintaxe de várias línguas, em diacronia e/ou sincronia, é um projecto com resultados esclarecedores.

CIPM séc.XIII

- CA *Chancelaria de D. Afonso III* (Duarte 1986)
 CH *Clíticos na História do Português* (Martins 1994)
 FR *Foro Real* (Ferreira 1987)
 FG *Foros de Garvão* (Garvão 1992)
 HGP *História do Galego-Português* (Maia 1986)
 NT *Notícia de Torto* (Cintra 1990)
 TT; TL *Testamento de D. Afonso II, Manuscritos de Toledo e de Lisboa* (Costa 1979)
 TP *Tempos dos Preitos* (Ferreira 1986)

BIBLIOGRAFIA

- BRIGHT's (1891) *Old English Grammar and Reader*, N.Y., Holt, Rinehart and Winston, Inc.
 CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass., M.I.T.
 JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (eds.) (1989), *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht.
 KROCH, A. (1989) "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change", *Journal of Language Variation and Change* 1, 199-244.
 (1994) "Morphosyntactic Variation", K. Beals et al. (eds) *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*.
 LIGHTFOOT, D. (1979) *Principles of Diachronic Syntax*, Cambridge University Press.
 MOSSÉ, F. (1945) *Manuel de l'Anglais du Moyen Âge des Origines au XIVe Siècle*, Paris, Aubier, Éditions Montaigne.
 ROBERTS, I. (1993) *Verbs and Diachronic Syntax. A Comparative History of English and French*, Dordrecht, Kluwer.
 TRAUGOTT, E. (1872) *A History of English Syntax. A Transformational Approach to the History of English Sentence Structure*, N.Y., Holt, Rinehart and Winston.
 VISSER, F. (1963-73) *A Historical Syntax of the English Language*, Leiden, E.J. Brill.
 XAVIER, M.F. (1979) *AUX e Caso Abstracto no Inglês. Para uma Análise Sintáctica Diacrónica*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
 (1989) *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um Estudo Contrastivo das Preposições a, de e to, from*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.
 (1993) "O Dativo em Português e em Inglês" *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri.
 XAVIER, M.F.; BROCARD, M.T.; VICENTE, M.G. (1995) "CIPM - Um Corpus Informatizado do Português Medieval" *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri.